

## A ESTRUTURA DA AÇÃO SOCIAL NO ESTUDO DE GRUPOS HUMANOS PRÉ-COLONIAIS DO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA - PI: UM ESTUDO DE CASO

Michel Justamand<sup>1</sup>  
Gabriel Frechiani de Oliveira<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estudar os grupos humanos pré-coloniais do Parque Nacional Serra da Capivara, a partir da perspectiva do sociólogo norte-americano Talcott Parsons, partindo da concepção da sua obra sobre a estrutura da ação social. Dentro desse contexto, será utilizada uma abordagem sociológica para o entendimento da dinâmica social desses grupos humanos que viveram por milhares de anos na região do Parque Nacional Serra da Capivara, produzindo uma diversidade de registros e vestígios arqueológicos como ferramentas de rochas lascadas e polidas, cerâmica, pintura e gravuras rupestres.

**Palavras-chave:** Arte rupestre; Parque Nacional Serra da Capivara; Talcott Parsons.

### ABSTRACT

This work aims to study the pre colonial human groups of Parque Nacional Serra da Capivara from the perspective of the American sociologist Talcott Parsons, from the perspective of his work structure of social action. Within this context it will be used a sociological approach to understanding the social dynamics of human groups that have lived for thousands of years in the Parque Nacional Serra da Capivara region, producing a variety of records and archaeological remains as chipped and polished rocks tools, pottery and cave paintings and engravings.

**Keywords:** Rock art; Parque Nacional Serra da Capivara; Talcott Parsons

### RÉSUMÉ

Ce travail vise à étudier les groupes humains pré coloniales du Parque Nacional Serra da Capivara du point de vue du sociologue américain Talcott Parsons, du point de vue de sa structure de travail de l'action sociale. Dans ce contexte, il sera utilisé une approche sociologique pour comprendre la dynamique sociale des groupes humains qui ont vécu pendant des milliers d'années dans la région du Parque Nacional Serra da Capivara, produisant une variété de document set vestiges archéologiques que copeaux et rochers polisoutils, poterie et peintures rupestres et des gravures.

**Mots-clés:** art rupestre; Parc national de Serra da Capivara; Talcott Parsons

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>Universidade Federal do Amazonas. Email: micheljustamand@yahoo.com.br. Endereço: Rua General Julio Marcondes Salgado, 65, apto 52, Campos Elíseos, São Paulo, SP, CEP 01201-020. Tel: (11) 3862. 7251.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Sergipe. Email: gfrechiani@hotmail.com

O Parque Nacional Serra da Capivara localiza-se na região Sudeste do Piauí, entre os municípios de Coronel Jose Dias, João Costa, Brejo do Piauí e São Raimundo Nonato com uma área de quase 130.000 hectares e 214 km<sup>2</sup> de superfície (GUIDON; BUCO, 2010), logo, considerado o maior enclave<sup>3</sup> de sítios arqueológicos do mundo (FELICE, 2000); Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO<sup>4</sup>, desde 1991, e, Patrimônio Nacional pelo IPHAN<sup>5</sup>, em 1993. Assim possuindo 1158 Sítios arqueológicos catalogados, destes 800 Sítios possuem a ocorrência de registros rupestres, abrangendo uma ocupação que remontaria quase 100 mil anos atrás (GUIDON; BUCO, 2010).

Há mais de 40 anos, as arqueólogas Niède Guidon, Anne-Marie Pessis e Sílvia Maranca coordenam as pesquisas científicas na região, apresentando resultados que mudaram o panorama do povoamento das Américas pelos grupos humanos. Ao demonstrar a importância desses registros arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara foi possível recuperar a história desses grupos que ali habitaram durante milhares de anos e que constituíram um importante núcleo de povoamento no nordeste do Brasil. Até o ano de 1992, mais 40 mil figuras de gravuras e pinturas foram catalogadas (GASPAR, 2003).

Os grupos humanos pré-históricos que viveram naquela região são de origem alóctone de outros continentes, logo, oriundos de processos migratórios há milhares de anos e procedência ainda desconhecida. Constata-se isso devido à quase ausência de fósseis de homens pré-sapiens (*Australopitecos*, *Homo erectus* ou *Homoneandertalenses*) no continente americano. Logo, como poderíamos estudar esses grupos humanos?

A partir dos vestígios arqueológicos deixados por essas populações humanas migrantes. Podemos observar que seus vestígios estão presentes por todo o continente americano, do Alasca a Patagônia. Assim, desenvolveram-se ao longo dos séculos várias teorias para explicar sua origem e dispersão no nosso continente.

Neste sentido, a partir do estudo dos vestígios materiais, podemos tentar conhecer o modo de vida dos homens no passado. Esses fragmentos da cultura material podem, em muitos casos, serem considerados como marcadores de identidade cultural, como: as pinturas rupestres (JUSTAMAND, 2010), os restos cerâmicos, as ferramentas líticas, os físicos e biológicos (fósseis, fios de cabelos, verminoses).

<sup>3</sup>Enclave: Termo utilizado para delimitar a ocupação de uma área por um determinado grupo humano durante um determinado período de tempo (MARTIN, 2008).

<sup>4</sup>Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>5</sup>IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artista Nacional, criado inicialmente como secretaria no governo Vargas (1930-45) e em 1937 pelo Decreto-lei nº25, de 30 de novembro do mesmo ano.

A tarefa do arqueólogo é unir esses vestígios fragmentados em uma narrativa histórico-arqueológica no intuito de buscar uma coerência e coesão. Mas os fragmentos arqueológicos falam por si só? Eles são depositários da verdade? Existe apenas uma interpretação no registro arqueológico? Como podemos compreender os sistemas sociais desses grupos? Como a estrutura da ação social de Talcott Parsons poderia contribuir nesse entendimento?

Eis o ponto chave da Arqueologia<sup>6</sup>: não existe apenas uma única perspectiva acerca da interpretação arqueológica e sim várias perspectivas. Mas o objeto de estudo é o mesmo para todas as correntes arqueológicas, no caso a **cultura**<sup>7</sup>, ou as **culturas**. A palavra cultura é originária do latim e tem por significado cultivar e cuidar. Assim, a cultura estava intimamente ligada às atividades de grupos humanos. Logo, todo ser humano é portador de uma cultura e, assim sendo, uma forma de socialização, como já demonstrado por KLUCKHOHN (1972) e CUCHE (2002).

Os vestígios arqueológicos são marcadores de identidades culturais (JUSTAMAND, 2014) e, parece-nos, depositários de uma verdade ou ainda de várias verdades. É com esses fragmentos que os arqueólogos constroem suas narrativas fundamentadas em sua formação intelectual ou no seu interesse acadêmico ou ainda no financeiro. Mas a leitura desse “livro” do passado é feita a partir das já conhecidas escavações arqueológicas, onde é apenas permitida uma “leitura”, em grande parte dos casos, e nem sempre seu registro estará completo, na maioria das vezes, se perde algo por causa da situação extremamente fragmentada e faltando muitas páginas lacunares desse manual explicativo do passado.

Leroi-Gourhan (2001: 22) explicita esse pensamento ao fazer a seguinte analogia:

Com um manuscrito, pode-se voltar atrás e considerar de novo uma passagem já lida. A terra, porém, é um livro cujas as páginas são destruídas à medida que se passam; só pode ser lido uma vez no texto original; quando uma camada de terra é retirada, tudo o que não foi transcrito está irremediavelmente perdido.

Como poderíamos entender o desenvolvimento e organização desses grupos humanos? O que os vestígios podem denunciar sobre essas sociedades? Conflitos, cerimônias religiosas, cotidiano, desigualdades sociais ou igualitarismo? Neste sentido, podemos observar a análise do

---

<sup>6</sup>Arqueologia de acordo com Watson; LeBlanc e; Redman (1971:13), A arqueología é um termo que se aplica corretamente a várias disciplinas ou subdisciplinas bastante diferentes. O motivo é que a palavra <<arqueología>> se utiliza com frequência, simplesmente para referir-se a um conjunto de técnicas e métodos dirigidos a reconhecer informações acerca do passado (e pode, por tanto, ser usada com vários propósitos) e não para identificar uma disciplina completamente com uma teoria, um método e um campo de estudo somente peculiares a ela.

<sup>7</sup> De acordo com Hoebel e Frost (1999: 15) “1. Cada cultura representa uma seleção limitada de padrões de comportamento do total das potencialidades humanas, individuais e coletivas. 2. A seleção costuma ser feita de acordo com certos postulados (pressupostos dominantes e valores). Básicos para a cultura. 3. Segue-se que cada cultura exemplificada um padrão mais ou menos completo e coerente”.

registro arqueológico a partir de três principais escolas: Histórico-Culturalista; Processualista; e Pós-processualista.

Deste modo, como podemos relacionar a Estrutura da Ação Social<sup>8</sup> de Talcott Parsons com as correntes arqueológicas na interpretação dos grupos humanos pré-históricos que habitaram o Parque Nacional Serra da Capivara há milhares de anos? Esse assunto será desdobrado a seguir em nossas escritas.

## DESENVOLVIMENTO

A Escola Histórico-Culturalista, no início no século XIX, ficou conhecida pelo método tipológico de Oscar Montelius, Mortimer Wheeler, Alfred Kidder, James A. Ford, Gustaf Kossina, François Bordes. A principal crítica acerca dessa escola estaria na preocupação excessiva em descrever e não buscar explicações para os artefatos. Predominando até a segunda metade do século XX e sofrendo influência de idéias marxistas na figura do linguista australiano Gordon Childe, que aplicou termos como: conflito, revolução urbana, revolução neolítica, meios de produção e outros (TRIGGER, 2004).

Enquanto que a Escola Processualista surge nos Estados Unidos na década de 1950 e 1960, sendo denominada de Nova Arqueologia e ganhando muitos adeptos entre os antropólogos, especialmente, os estadunidenses. O ponto de partida para o início desse movimento foi a publicação do artigo “Nova Arqueologia” na revista *Science* de Joseph Caldwell em 1959, que objetivava delinear novos rumos da arqueologia norte-americana, fundamentado nas ideais da ecologia cultural e neoevolucionismo (TRIGGER, 2004).

Durante a década 1960, esse movimento de renovação da arqueologia americana, ganhou força na figura de Lewis Binford, autor de muitas obras arqueológicas com os pressupostos nas idéias da Nova Arqueologia, como os artigos “Arqueologia como antropologia”, em 1962 e “A sistemática arqueologia e o estudo dos processos culturais”, em 1965.

A crença de Binford na possibilidade de encontrar padrões e regularidades<sup>9</sup> na arqueologia, a negação de fatores psicológicos no estudo arqueológico e a forte crença na teoria de médio

---

<sup>8</sup> De acordo com Aron (2000: 491) “A ação social é um comportamento humano (*Verhalten*), em outras palavras, uma atitude interior ou exterior voltada para a ação, ou para a abstenção. Este comportamento é a ação quando, de acordo com o sentido que lhe atribui o ator, ela se relaciona com o comportamento de outras pessoas”.

<sup>9</sup> Binford (1991: 164) “A arqueologia não é, portanto, um ramo do saber em que o passado possa ser descoberto de forma <<direta>>, nem pode ser disciplina limitada apenas à descoberta (...). Pelo contrário, é um ramo inteiramente dependente da influência acerca do passado, fato a partir das coisas encontradas no mundo contemporâneo”.

alcance<sup>10</sup>, podem apresentar uma perspectiva moderna e racional na constituição epistemológica da arqueologia (JONHSON, 2000).

O principal papel da arqueologia seria explicar as mudanças culturais, tentando correlacioná-las com o meio ambiente, a arqueologia almejava ser uma *ciência preditiva* ao elaborar generalizações, que corresponderiam a leis que regeriam o comportamento humano (TRIGGER, 2004). O livro *El metodo científico en arqueologia*, dos pesquisadores Patty Jo Watson, Steven Le Blanc e Charles Redman, de 1971, buscou a construção de uma arqueologia científica de forma ordenada, progressiva e sistemática, enfatizando a importância da construção de hipóteses e sua submissão a testes rigorosos (WATSON; LE BLANC; REDMAN, 1974).

Segundo Trigger (2004: 288-289),

Aí ele identificava o objeto da arqueologia como sendo o mesmo tradicionalmente consignado à antropologia: explicar o amplo espectro de semelhanças e diferenças no comportamento cultural. Também afirmou que os dados arqueológicos são particularmente úteis para o estudo de mudanças ocorridas na longa duração. Essas teses foram por ele concebidas em forma de generalizações sobre a mudança sistemática e evolução cultural.

Dentro dessa visão, o principal papel da arqueologia seria explicar as mudanças culturais e tentando correlacionar com o meio ambiente, logo, a ciência arqueológica tentaria ser uma *ciência preditiva*, no elaborar generalizações que seriam leis que regeriam o comportamento humano. A “Nova Arqueologia” foi responsável por um aperfeiçoamento das técnicas de amostragem, ressaltando a importância do meio para os seres humanos e a cultura como um sistema, em oposição, a visão histórico-culturalista. Bahn e Renfrew (1993) afirmam que a “Nova Arqueologia” seria uma crítica ao método tipológico e a Escola Histórico-Culturalista, logo, a arqueologia buscaria um *status de ciência* mais próximo das ciências da natureza.

A Escola Pós-processual é uma reação europeia à escola Processual norte-americana, dando ênfase na importância da interpretação em detrimento da quantificação, almejando buscar significados e significantes no registro arqueológico, assim emergindo com os seguintes profissionais: Andre Leroi-Gourhan; Annette Laming-Emperaire e Ian Hodder nas décadas de 1970 e 1980.

As principais características da teoria pós-processual<sup>11</sup> são: 1) Arqueologia engajada, que almeja dar voz aos excluídos da História; 2) uma Arqueologia plural, não apenas no singular, assim

<sup>10</sup> TEORIA DE MÉDIO ALCANCE: “[...] es más un conjunto de métodos que una teoría. Tiene un alcance medio ya que los problemas que aborda no se refieren a grandes cuestiones teóricas necesarias para explicar por qué cambia las culturas o como evolucionaron los humanos. Su pretensión es recordar-nos que todavía sabemos demasiado poco sobre el registro arqueológico” (GAMBLE, 2002:41).

<sup>11</sup> O termo é utilizado primeiramente por Ian Hodder em 1985 (REIS, 2010 apud FAGAN, 1996: 576). De acordo com Reis (2010), a melhor definição para Arqueologia Pós-Processual é “um saco de

demonstrando a pluralidade cultural dos grupos humanos; 3) resposta à conjuntura política, econômica e social das décadas de 1970 e 1980, em especial à Guerra Fria; 4) busca por aspectos mentais e cognitivos, em contraposição a padronização do comportamento humano pelos arqueólogos processuais e; 5) enfoque na interpretação do registro rupestre, como um depositário de informações acerca do passado, buscando a construção de aspectos subjetivos da interpretação arqueológica<sup>12</sup>.

O período de vigência do modelo de análise pós-processual<sup>13</sup> é uma reação à arqueologia processual, tendo se iniciado durante a década 1980, encabeçada pelos trabalhos de Ian Hodder<sup>14</sup>, no seu livro *Symbols in Action* (1982), Michael Shanks e Christopher Tilley, com *Re-Constructing Archaeology* (1987), e Mark Leone, com o artigo *Interpreting ideology in historical archaeology: using the rules of perspective in the William Paca Garden in Annapolis*, de 1984. Johnson (2000: 135-141) enumera as principais teses da corrente pós-processual na crítica à arqueologia processual: “1) rechaçamos o ponto de vista positivista sobre a ciência e a separação entre teoria e dados”; “2) a interpretação é sempre hermenêutica”; “3) rechaçamos a oposição entre material e ideal”; “4) Há que indagar sempre nos pensamentos e valores do passado”; “5) o indivíduo atua”; “6) a cultura material é parecida a um texto”; “7) o importante é o contexto<sup>15</sup>”; e “8) os significados que produzimos se

---

gatos” devido à ausência de consenso de sua natureza epistemológica (uma escola, uma teoria ou paradigma). Uma reação ao processualismo é a alternativa mais interessante.

<sup>12</sup> Reis (2010: 51), Para os pós-processualistas, o conhecimento arqueológico é subjetivo e não possibilita a descoberta de leis ou generalizações universais nem verdades absolutas. Discordam os processualistas que propõem que o ambiente ou as forças sociais externas aos grupos humanos sejam fatores predominantes de mudança cultural ou de escolha cultural em termos de teorias funcionalistas e ecológico-culturalista. A mudança é também ação motivada e escolhas comportamentais por indivíduos dentro de uma coletividade. Além de padrões comportamentais que estão envolvidos na mudança cultural existem motivações e desejos pessoais na constituição de um mundo cultural.

<sup>13</sup> O termo é utilizado primeiramente por Ian Hodder em 1985 (REIS, 2010 apud FAGAN, 1996: 576). De acordo com Reis (2010), a melhor definição para Arqueologia Pós-Processual é “um saco de gatos” devido à ausência de consenso de sua natureza epistemológica (uma escola, uma teoria ou paradigma). Uma reação ao processualismo é a alternativa mais interessante.

<sup>14</sup> De acordo com Franch (1989: 127) “[...] Ian Hodder quien a destacado la importancia de opuestos tradicionalmente incompatibles, como materialismo y idealismo, proceso y estructura, objetivo y subjetivo, general y particular. En relación con la primera pareja de opuestos señala Hodder la existencia de tres niveles de comunicación: el lenguaje hablado, el escrito y la cultura material, cada vez más alejada de la claridad en la comprensión.”

<sup>15</sup> Reis (2002: 33) “O contexto é uma categoria que aponta para diversos enfoques. Implica uma trama espaço-temporal, onde dimensões culturais, sociais, políticas, biológicas e físicas são suscetíveis de inclusão e aplicação dentro da arqueologia. Não significa rolar uma ilimitada polissemia. A utilização do contexto, por mais variada que seja na literatura arqueológica, “(...) tem com comum o fato de conectar ou entrelaçar as coisas em uma situação correta ou conjunto de situações (HODDER, 1994: 135)”.



situam sempre no presente político e conduzem, logicamente, a ressonâncias políticas. A interpretação do passado sempre é política”.

A escola pós-processual está dividida em três principais correntes: a primeira é a estruturalista influenciada pelas ideias do etnólogo belga Claude Lévi-Strauss, do lingüista norte-americano Noam Chomsky e do arqueólogo francês André Leroi-Gourhan. Sua principal tese consiste que “las acciones humanas son dirigidas por creencias y conceptos simbólicos y que el objeto de estudio propriamente dicho es la estructura del pensamiento (las ideas) existente en la mente de los agentes humanos que elaboran los artefactos y crearon el registro arqueológico” (BAHN, RENFREW, 1993: 446) e a possibilidade da existência de padrões constantes no pensamento humano como oposição: homem-mulher, sujo-limpo, esquerda e direita (ALVES, 2002).

A segunda corrente da Escola Pós-processual é a marxista, fundamentada nas ideias de Karl Marx e Friedrich Engels, sendo adaptada por arqueólogos latinos americanos e conhecida como a Arqueologia Social. Logo, o principal autor norteador dessa corrente é Gordon V. Childe que introduziu termos marxistas à interpretação dos registros arqueológicos. Temos como expoentes dessa corrente: Luis Felipe Bate, Luis Guilherme Lumbreras, Iraida Vargas Arenas, Mario Sanoja e Oscar M. Fonseca Zamora. Sua análise almeja buscar os conflitos, as contradições, as lutas de classe e as revoluções nos vestígios arqueológicos, tentando relacionar o presente com o passado e o passado com o presente, dentro da ótica marxista (ALVES, 2002).

A terceira e última corrente é a da escola pós-processual ela é interpretativista, que adota ideias relativas à Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, da Alemanha. Logo, baseando-se nas seguintes teses: 1) enfoque interpretativo-hermenêutico no processo arqueológico e; 2) o estudo da estética e sua relação da cultura contemporânea, assim tendo como principais arqueólogos: os ingleses Ian Hodder, Michael Skanks e Cristopher Tilley (ALVES, 2002).

Já as ideias de Talcott Parsons que tiveram uma grande influencia na sociologia norte-americana pode oferecer uma importante contribuição aos estudos arqueológicos.

Dessa forma, em acordo com Parsons,

Esse corpo de teoria, a “teoria da ação social” não é simplesmente um grupo de conceitos com suas inter-relações lógicas. É uma teoria ciência empírica cujos conceitos se referem a algo mais além deles próprios. Tratar o desenvolvimento de um sistema de teoria sem referência aos problemas empíricos com relação aos quais o sistema foi construído e utilizado levaria à pior espécie de esterilidade dialética. A verdadeira teoria científica não é produto de uma “especulação” vã, detalhar as implicações lógicas das premissas e sim da observação, raciocínio e verificação, começando com os fatos e continuamente retornando a eles (PARSONS, 2010: 27).

A tentativa de Parsons é a construção de uma teoria abrangente no campo das ciências sociais, de modo geral, comportando as pesquisas, análises e estudos arqueológicos também. Os principais entraves são: como conciliar autores de escolas de pensamentos diferentes, como o positivismo de Durkheim, o idealismo de Weber e o utilitarismo de Pareto. No intuito de conciliar

esses pensamentos o autor buscou a instrumentar sua teoria a partir de conceitos da sociologia, como fato, ação e objetos. Logo, a iniciativa de Parsons promoveu um grande incentivo de revisão nas ciências sociais norte-americanas, em especial no campo da Antropologia (KUPER, 2002).

Parsons descreveu as características centrais da sua nova teoria da ação em *The Social System*, publicado em 1951. Em termos de ação, convém classificar o mundo objetivo como composto por três classes de objetos 'sociais', 'físicos' e 'culturais'. Cada classe de 'objetos' forma um sistema: o sistema social, sistema biológico e de personalidade individual e o sistema cultural. Esses três sistemas interagem a fim de dirigir as opções que cada ator é levado a fazer, mas não podem ser restritos a si mesmos. O indivíduo é ao mesmo tempo um organismo biológico dotado de personalidade característica, cidadão é membro da sociedade; e com um toque filosófico e a mente repleta de ideias, valores e teorias. Como Pareto, Durkheim e Weber avaliaram várias disciplinas teriam de colaborar para que se pudesse compreender como esses sistemas distintos se combinam para influenciar ações deliberadas (KUPER, 2002: 77).

O perfil técnico<sup>16</sup> possibilitaria o estudo desses grupos humanos pré-históricos a partir de uma análise tecno-tipológica? Somente a partir desses dados poderíamos conhecer essas sociedades passadas? Existe uma Sociologia da Pré-história? Eis um ponto de divergência entre os arqueólogos contemporâneos. Um arqueólogo histórico-culturalista poderia descrever perfeitamente um machado, já o processualista explicaria as causas e a influência do meio ambiente na sua confecção, enquanto que o pós-processualista interpretaria com sua subjetividade, adotando uma perspectiva fenomenológica do artefato. Os objetos não falam por si no registro arqueológico, é necessário, conforme acreditamos, realizar uma ponte entre o presente e o passado, numa tentativa de buscar informações sobre os grupos humanos do passado<sup>17</sup>. Mas qual seria a reação dos sociólogos parsonianos? Um dos grandes feitos de Talcott Parsons foi incentivar revisões nas ciências humanas, como fez Kluckhohn e Kroeber acerca do conceito de cultura e, assim, realizando um inventário de 164 definições do termo (KUPER, 2002).

<sup>16</sup>Perfil técnico: De acordo com Oliveira (2003:62) "Para a reconstituição da tecnologia dos grupos pré-históricos, utilizamos procedimentos analíticos do tipo sistêmico, considerados como um modelo formal que permite descrever um fenômeno de maneira sistemática, analisando seu funcionamento, buscando as hierarquias e as relações dos seus componentes. Esse modelo possui um caráter analógico e metafórico e dessa forma, não (possui) é capaz de explicar por si próprio os fenômenos empíricos (Cf. KAPLAN, MENNERS 1981: 246). Além disso, como modelo explicativo, a perspectiva sistêmica restringe ou limita nosso universo de análise, pois nem sempre assinalar todas as variáveis determinantes da transformação de um sistema cultural pré-histórico".

<sup>17</sup>Hodder (1994: 137), [...] podemos considerar el registro arqueológico como un<<texto>> que hay que ler. Hay limitaciones en la idea según la cual la cultura material puede compararse a un texto y al lenguaje, ya que, como se ha ido viendo, la cultura material es también práctica, tecnológica y funcional, y una gran parte de su variabilidad depende de esos factores. Incluso podemos llegar a afirmar, como lo haremos más adelante, que los significados simbólicos extraen, parcialmente, sus significados simbólicos de los significados pragmáticos, por lo que no son, en modo alguno, meros sistemas estructurados de símbolos abstractos.



Parece-nos extremamente complexo aplicar as teorias de Parsons sobre esses grupos humanos. Mesmo com o uso da Entoarqueologia<sup>18</sup> encontraríamos problemas, pois não nos deparamos com nenhum grupo de referência que esteja presente há milhares de anos. Nenhum grupo atual apresenta continuidade histórica com os grupos humanos pré-históricos do Parque Nacional Serra da Capivara, a construção de quadros de comparativos é algo complicado e perigoso. Enquanto que a Sociologia das Religiões poderia ser alternativa, mais especificamente o livro **As Formas Elementares de Religião** de Émile Durkheim que estuda os “aborígenes” da Austrália, realizando algumas inferências acerca do estudo das religiões nas sociedades mais simples. Para ele:

Toda religião, com o efeito, tem um lado pelo qual vai além do círculo das ideias propriamente religiosas e, sendo assim, o estudo dos fenômenos religiosos fornece um meio de renovar problemas que até agora só foram debatidos entre filósofos. Há muito se sabe que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si próprio são de origem religiosa. Não há religião que não seja uma cosmologia ao mesmo tempo em que uma especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião, é que a própria religião começou por fazer as vezes de ciências e de filosofia. Mas o que foi menos notado é que ela não se limitou a enriquecer com certo número de ideias um espírito humano previamente formado; também contribuiu para formar esse espírito. Os homens não lhe apenas, em parte notável, a matéria de seus conhecimentos, mas igualmente a forma segundo a qual esses conhecimentos são elaborados (DURKHEIM, 1996: XV).

Ficamos com a questão de como podemos aplicar essa perspectiva à Pré-história, mais especificamente na Serra da Capivara? Andre Leroi-Gourhan, em **As Religiões da Pré-história**, analisa grupos humanos europeus, especialmente em sítios arqueológicos na França, tentando correlacionar os vestígios materiais e buscando inferências imateriais da religiosidade na Pré-história. Essa interpretação simbólica realizada tanto por Leroi-Gourhan quanto por Annette Laming-Emperaire é fundamentada nas ideias estruturalistas de Lévi-Strauss.

De acordo com Leroi-Gourhan,

Será talvez útil definir igualmente aquilo que se entende por <<religião>> e esclarecer em primeiro lugar que, por falta de materiais realmente fundamentados para estabelecer uma separação, não se fará nenhuma distinção entre religião e magia. O próprio sentido da palavra <<religião>> terá um emprego muito restrito; baseia-se simplesmente em manifestações de preocupações que parecem ultrapassar a ordem material. Até ao Paleolítico superior não existe outra definição possível; a presença do ocre no habitat do homem de Neandertal é considerada um facto religioso,

<sup>18</sup> A Entoarqueologia é uma disciplina ou subdisciplina da Antropologia tem por finalidade o estudo das sociedades humanas do passado a partir dos grupos humanos do presente, logo, seus primeiros estudos remontam aos séculos XVI, no período de contato entre os europeus e os indígenas (DAVID; KRAMAER, 2001).

porque não é explicável por necessidades de sobrevivência material. Esta extrema prudência impõe-se por duas razões: a primeira é dificuldade que existe, mesmo nas sociedades vivas, em definir o fenômeno religioso através de simples testemunhos materiais; a segunda razão diz respeito à natureza das fontes, tão modestas e fragmentadas que têm, na sua maioria, diversas explicações possíveis (LEROI-GOURHAN, 1964: 26).

Dentro dessa perspectiva, podemos considerar o conteúdo simbólico das pinturas rupestres como uma espécie de código perdido, onde falta-nos uma pedra de Roseta como norteador. Assim, podemos inferir, conjecturar, elaborar teorias e fornecer uma linha explicativa, mas não temos uma certeza, algo relativamente aceitável dentro de certos padrões.

## CONCLUSÃO

Em “A visão das ciências sociais: Talcott Parsons e os antropólogos americanos”, capítulo do livro de Kuper, fica demonstrada a importância de uma teoria geral de grande alcance feita pelo sociólogo Talcott Parsons, logo, observando autores que influenciaram a Escola Processual da arqueologia. Portanto, a busca por padrões, classificações e estruturação são presentes na ciência moderna, positivista, mecanicista e racionalista, mas encontramos obstáculos na aplicação da estrutura da ação social na Pré-história.

A relação que fazemos entre esse texto acima e a nossa metodologia no que diz respeito à unidade de **sistemas da ação** visa realizar a seguinte divisão:

- 1 – o **ato** como a unidade básica e possuindo certas propriedades;
- 2 – o **ator** como o sujeito e agente ativo, no caso os seres humanos;
- 3 – o **fim**, transmitir mensagens através das pinturas, no sentido de fornecer uma orientação;
- 4 – a **situação**, a localização e análise dos sujeitos a partir de uma série variável, no caso, a preferência na elaboração de certos tipos de grafismos, relações horizontalidade, superposição, sobreposição e isolamento (PARSONS, 2010).

Acreditamos que realizando essas devidas adequações indicadas acima, as ideias, sugestões e indicações de Parsons poderão ser utilizadas nas nossas futuras metodologias de pesquisas desse momento em diante. E quem sabe também poderão ser usadas por outros colegas pesquisadores em suas análises e debates metodológicos para a realização de suas pesquisas arqueológicas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. A. Teorias, Métodos, Técnicas e Avanços na Arqueologia Brasileira. In: **Revista Canindé**, Xingo, nº 2, 2002.

ASÓN, Irma e; MARTIN; Gabriela. Manifestações religiosas na Pré-História Brasileira. In: **História das religiões no Brasil**. Org. Sylva Brandão: prefácio de Armando Souto Maior. Recife: Ed. Universitária, p.19-38, 2001

ARON, Raymond. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAHN, P.; REFREW, C. **Arqueologia - Teorias, Métodos y Practica**. Madrid: Akal, 1993.

BINFORD, L. R. **Em busca do passado: a decodificação do registo arqueológico**. Trad. João Zilhão. Lisboa: Publicações Europa-América Ltda, 1991.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

DAVID, N.; KRAMER, C. **Ethnoarchaeology in Action**. Cambridge, Cambridge University Press, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**/ Émile Durkheim; tradução de Paulo Neves – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FELICE, Gisele D. **Sítio Toca do Boqueirão da Pedra Furada, Piauí – Brasil: estudo comparativo das estratigrafias extra sítio**. 2000. 121 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Pernambuco, Pernambuco.

GAMBLE, C. **Arqueologia básica**. Barcelona: A&M GRAFIC, 2002.

GASPAR, M.D. **A arte rupestre no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GUIDON, N.; BUCO, C. A. "O estado da arte": as pesquisas arqueológicas e o desenvolvimento regional do Parque Nacional Serra da Capivara. In: PELEGRINI, S.; PINHEIRO, A. P. **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010.

JOHNSON, M. **Teoría arqueológica: una introducción**. Barcelona: Editorial Ariel. 2000.

JUSTAMAND, M. **O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.

JUSTAMAND, M. As pinturas rupestres do Brasil: memória e identidade ancestral. **Revista Memorare**, Tubarão, v. 1, n. 2, p. 118-141, jan-abr. 2014.

KLUCKHOHN, Clyde. **Antropologia: um espelho para o homem**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1972.

KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru: EDUSC, 2002.

LEROI-GOHRAN, Andre. **As religiões da Pré-história**. Lisboa: Edições 70, 1982.

LEROI-GOUHRAN, A. **Os caçadores da pré-história**. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARTIN, G. **A Pré-história do Nordeste**. Pernambuco: Editora UFPE: 2008.

MOBERG, Carl-Axel. **Introdução à Arqueologia**. Lisboa: Edições 70, 1968.

OLIVEIRA, Claudia A. Os Ceramistas Pré-históricos do Sudeste do Piauí. In: **FUNDAMENTOS**. São Raimundo Nonato - PI, nº 3, p.147-162, 2003.

PARSONS, Talcott. **A estrutura da ação social: um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes. Vol. I: Marshall, Pareto, Durkheim/ TalcottParsons**; tradução de Vera Josecelyne; revisão técnica e da tradução de Raquel Weiss: Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PARSONS, Talcott. **A estrutura da ação social: um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores europeus recentes. Vol. II: Marshall, Pareto, Durkheim/ TalcottParsons**; tradução de Vera Josecelyne; revisão técnica e da tradução de Raquel Weiss: Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

REIS, J.A. **Arqueologia dos buracos de brugre: uma pré-história do planalto meridional**. Caxias do Sul: EDUSC, 2002.

REIS, J.A. **“Não pensa muito que doí”**: um palimpsesto sobre teoria na arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

TRIGGER, Bruce. **História do Pensamento Arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

WEBER, Max. **Textos selecionados**; traduções de Mauricio Tragtenberg; revisão de Cássio Gomes (Parl